

“FELIZ DO HOMEM QUE SE CRIA NUMA CASA CHEIA DE LIVROS”: APONTAMENTOS SOBRE A LEITURA NA REVISTA PAIS & FILHOS (1968-1980)

Liana Pereira Borba dos Santos¹

A revista mensal *Pais & Filhos*, cujo *slogan* de lançamento a caracterizava como “a revista da família moderna”, foi lançada em setembro de 1968 pela Bloch Editores S. A., com a proposta de discutir aspectos relacionados à família, sexualidade, comportamento, saúde e educação, tratando-se como uma das publicações periódicas de maior longevidade do mercado brasileiro (MIRA, 2001). Buscou-se compreender como *Pais & Filhos* contribuiu para a construção de representações de leitura e de infância leitora no período de 1968 a 1980, a partir do exame de 26 exemplares consultados na Fundação Biblioteca Nacional. Como a leitura era abordada em suas páginas? Quais publicações foram sugeridas aos leitores do periódico?

Refletir sobre tais questões permite um olhar sobre práticas educativas e representações de leitura empreendidas em espaços para além do âmbito escolar, como indica o trecho a seguir.

Feliz do homem que nasce e se cria numa casa cheia de livros. Nasci e fui criado em casa de um tio-avô, jornalista, que fazia questão de se manter atualizado com os lançamentos literários. Desse modo, pude alternar a leitura do *Tico-Tico* (único gibi do meu tempo de criança) com os grandes nomes que então despontavam: Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Rachel de Queiroz, Jorge Amado. (MIRANDA, M. In: *Pais & Filhos*, n. 1, setembro de 1968, p. 102).

O universo da leitura esteve presente nas páginas de *Pais & Filhos* desde o seu número inaugural. O artigo “*Livros Proibidos*” apresentou interessante relato sobre práticas de leitura vivenciadas na infância, em que um homem fala da educação dos filhos em uma perspectiva mais liberal, o que parece indicar a ausência de tabus ou restrições à curiosidade infantil. Miranda ressaltou a importância de “educar os filhos para a vida. A boa literatura, a literatura honesta, pode ser uma excelente escola de vida” (Idem, p. 101). Tal constatação colabora com a discussão de que, historicamente, as indicações de livros para crianças foram orientadas por critérios de qualidade definidos por adultos, em grande medida especialistas².

No artigo, constatou-se que o livro e a leitura são associados às aprendizagens construídas no ambiente escolar, enquanto que as experiências cotidianas e práticas foram colocadas no âmbito de uma dita “escola da vida”. Foi recomendado, então, que os pais modernos soubessem articular os dois blocos de ensinamentos.

O artigo “*Posição de leitura*” abordou a posição corporal neste momento. Contou com redação de Glorinha Chaves de Melo e consultoria de: Samuel Cuklermam e Líbero Rossi, oftalmologistas; Laura Sandroni, então diretora da Fundação Nacional do Livro Infantil; Leny Werneck Dornelles e Ruth Vilella, pedagogas.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, junto à Linha de Pesquisa Instituições, Práticas Educativas e História, membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação/CNPQ, e professora efetiva de Educação Infantil do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: lianaborba@gmail.com.

² Peter Hunt sinaliza a necessidade de exame dos juízos e padrões estabelecidos como bons livros. Para ele, “há uma tensão entre o que é bom em abstrato, o que é bom para a criança em termos sociais, intelectuais e educacionais, e o que nós, real, honesta e reservadamente achamos ser um bom livro” (HUNT, 2010, p. 39).

Muitas vezes, preocupados com a visão e a postura das crianças, os pais exigem que seus filhos só leiam com o livro sobre a mesa, sentados na posição convencional, que consideram correta. É evidente que os pais estão certos, quando se preocupam com estas coisas. Mas estão absolutamente errados quando começam agindo dessa forma, a tirar o interesse da criança pelos livros. Aqui, nós ensinamos a posição correta para a leitura. E mais: mostramos quanto é importante desenvolver na criança o hábito de ler. (MELO, G. In: *Pais & Filhos*, n. 7, mar. 1975, p. 62).

O artigo problematizou o fato de ainda ser imposto à criança uma posição de leitura padrão, sob o pretexto de adquirir doenças. Por outro lado, identificou-se uma perspectiva didatizante da revista, quando se colocou como capaz de ensinar a “posição correta” e reforçou a importância do desenvolvimento de hábito de ler, tendo como ponto de ancoragem uma série de consultores especializados no campo médico e pedagógico. Sugeriu-se, ao longo do artigo, que o melhor rendimento da leitura seria conquistado por um maior conforto e descontração, impulsionado pelas famílias em “um ato de amor” e “atmosfera de carinho e prazer”, em que:

O gosto pela leitura não é uma atividade natural, e depende de uma aprendizagem correta, num ambiente sem repressão. Essa aprendizagem deve ser iniciada nos primeiros anos de vida, quando a criança, ao ver a mãe contando histórias, com o livro na mão, sente desejos de decifrar aquele código, que lhe permitirá descobrir sozinha todo o encanto da literatura infantil. (Idem, p. 65).

A leitura pode ser compreendida como atividade cultural, construída na interação com outros sujeitos leitores, em que o exemplo familiar, ilustrado pela figura materna, foi valorizado, especialmente quando capaz ou capacitada a mediar uma aprendizagem correta. Sem deixar de lado intenção didática de educar os pais, propôs-se a construção de uma biblioteca infanto-juvenil organizada em categorias, apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 1 - Livros indicados para a composição de biblioteca domiciliar	
Álbum de ilustrações e primeiras leituras	Vida rural
1. O cavalinho de vento – Eliardo França 2. Flicts - Ziraldo	1. Minha vida no garimpo – Antônio de Pádua Morse 2. Dois meninos na Transamazônica – Margarida Ottoni
Contos infantis	Base Informativa
1. A fada que tinha ideias – Fernando Lopes de Almeida 2. A toca da coruja – Valmir Ayala	1. Qual é a história de hoje? – Gian Calvi 2. Rosa Maria no castelo encantado – Érico Veríssimo
Novelas juvenis	Humor
1. Viagens maravilhosas de Marco Polo – Lúcia Almeida Machado 2. O menino de Palmares – Isa Silveira e Alberto Leal	1. Napoleão em Parada de Lucas (Aventuras de um ex-cabo de Vassouras) – Orígenes Lessa 2. Hans Staden – Monteiro Lobato
Aventuras brasileiras	Biografias
1. O mistério do escudo de ouro – Odete de Barros Motta 2. O gênio do crime – J. C. Marinho Silva	1. Heróis da comunidade mundial – Ofélia Fontes 2. Villa Lobos, Alma Sonora do Brasil – Arnaldo Magalhães de Giácomo

Fonte: *Pais & Filhos*, n. 7, mar. 1975, p. 65

Literatura infantil brasileira em revista

Na edição de fevereiro de 1977, especificamente no artigo “*Literatura Infantil*”, de Verônica Guedes e Otacílio Lage, ganharam destaque os problemas enfrentados pelo Brasil no que diz respeito à literatura infantil, a saber: “a concorrência com material estrangeiro, importado a preço bem mais baixo pelos editores nacionais, e a falta de hábito dos pais em desenvolver na criança o interesse pela leitura” (GUEDES, V., LAGE, O. In: *Pais & Filhos*, n. 6, fev. 1977, p. 109).

Vê-se que a família foi apontada como responsável pelo desenvolvimento do interesse pela leitura nas crianças, argumento reforçado em trecho seguinte, em que se diz que “desenvolver na criança o hábito pela leitura, principalmente de autores nacionais, é uma tarefa que cabe aos pais [...] especialmente quando a criança tem, agora, à sua disposição, a televisão onde tudo está pronto e ela nada cria” (Idem, p. 110).

A matéria apresentou como estratégia argumentativa a veiculação de depoimentos de autores nacionais. Ana Maria Machado destacou a importância do livro para o desenvolvimento infantil, na medida em que “a situação narrativa, o contar histórias, são da maior importância para a criança criar gosto pela leitura. Não apenas a história oral, mas a história contada no livro”.

Já André de Carvalho, identificado como escritor mineiro, comentou sobre o preço dos livros comparados com brinquedos: “Bonecas custam 400 cruzeiros, bolas, 40, contra 15, 20 ou 30 no máximo, de um livro infantil. Acho que a criança precisa ver o livro como um objeto de prazer, que deve ser cheirado, brincado e, obviamente, lido”.

Os autores Mary e Eliardo França ressaltaram a dificuldade enfrentada para encontrar um editor que “acredite no trabalho do autor brasileiro” e a circulação de livros de péssima qualidade, muitos deles estrangeiros, sem preocupação com a forma e o conteúdo: “O leitor também não está conscientizado para comprar um livro de autor nacional: quando ele entra em uma livraria, compra logo um livro de Walt Disney, porque toda a carga de informação que ele recebe em termos de literatura infantil é em cima disso”.

Já Luiz Raul Machado, sinalizou para a dita “briga da linguagem”, em que ganhou relevo o conflito entre o uso de uma linguagem coloquial, mais próxima da falada pelas crianças, e a exigência do uso da norma culta da língua. “A gente tem que tentar escrever a língua que fala, para a criança tentar reconhecer a língua que ela fala, que ela conhece. Mas aí, isso esbarra com problemas com editoras e professoras, porque uma das saídas para o autor nacional de literatura infantil é ser indicado pelas escolas” (Idem, p. 110-111).

O artigo abordou, ainda, as iniciativas do Instituto Nacional do Livro e da Fundação Nacional do Livro Juvenil de realização de concursos literários, cursos e seminários, em prol da mudança do cenário nacional da literatura para crianças. Por fim, veiculou-se um quadro com indicações de leitura destinadas às categorias etárias: 7 anos; Depois dos 7 anos; A partir dos 9 anos; Com 12 anos; Para os de 14 anos. Tal situação parece se relacionar com uma representação de desenvolvimento infantil atrelada aos paradigmas em voga no campo da educação e da psicologia do desenvolvimento³.

A matéria “*Livro infantil*”, assinado por Liana Corrêa Cortes e com consultoria de Laura Sandroni, também valorizou o papel da família na educação das crianças. Em seu conteúdo, identificou-se a representação de leitura como atividade capaz de desenvolver “a capacidade da criança pensar, sentir, comparar, optar, opinar, criar” e como “um dos hábitos mais gratificantes que há”, já que:

Através da leitura, podemos transportar-nos para qualquer lugar, em qualquer tempo. O livro pode ser relido, interrompido ou alternado com uma atividade

³ Para aprofundamento dessa discussão, conferir: JOBIM E SILVA (2007); ROGOFF (2005) e VASCONCELLOS (2008).

diferente sem qualquer prejuízo ao leitor. Ele nos leva a sonhar, mas também exige reflexão e interiorização – a participação que os meios modernos meios de comunicação de massa deixaram de exigir – e ainda ensina o leitor a tomar posições, a opinar [...] Além de soltar a imaginação, enriquecer a fantasia e estimular a criatividade infantil, a leitura tem uma enorme vantagem sobre todas as outras distrações da infância: é uma opção de lazer para toda a vida (CORTES, L. In: *Pais & Filhos*, n. 7, mar. 1977, p. 33).

Levando em consideração os aspectos positivos da leitura, notou-se a crítica aos ditos “novos meios de comunicação” como a televisão, e o caráter didático do texto, ao sinalizar e valorizar a oferta de gêneros literários, como ficção, romance, histórias com discos, teatro e poesia. Nesse contexto, também são sugeridos livros pertinentes à divisão etária, constando informação dos autores, editora e preço.

Dentre as seções fixas do periódico, destacamos a presença de *Livros*, caracterizada pela sugestão de: a) obras literárias para o público infanto-juvenil, como *O Menino Maluquinho* – Ziraldo; *A arca de Noé* – Vinícius de Moraes; *O jogador de sinuca e mais historinhas* – Rachel de Queiroz; literatura adulta, como *Fogo Morto*, de José Lins do Rêgo e *Instinto Supremo*, do português Ferreira de Castro; c) publicações especializadas sobre educação, psicologia e literatura, como *Educação Sexual e Afetiva*, do francês André Berge; *Os Direitos da Criança*, da psicanalista americana Margaret A. Ribble; *A mente infantil*, do pernambucano Zaldo Rocha.

Considerações finais

Em diálogo com Foucault (2010), verificaram-se, nas páginas de *Pais & Filhos*, estratégias discursivas utilizadas pelos editores e consultores, por meio das quais se valorizou determinada compreensão de leitura e legitimaram-se algumas obras e autores. Nesse sentido, destacou-se a dimensão educativa dos livros em ensinar, por meio de linguagem própria, aspectos sociais, afetivos e até mesmo morais, assim como o papel a ser desempenhado pelas famílias na construção de hábito de leitura. Este por sua vez, é mediado pela imprensa especializada e, a partir da compreensão da revista como espaço discursivo, em que ganham vulto estratégias dirigidas à formação das famílias leitoras de suas páginas.

Esta investigação emergiu de práticas que valorizam a imprensa como espaço de educação não formal, considerada como um veículo que atinge as famílias de modo objetivo e até mesmo lúdico (GOUVEA, PAIXÃO, 2004). Pretendeu-se colaborar com o campo de estudos da historiografia da infância e da literatura infantil no Brasil (KUHLMANN, 1998; LAJOLO & ZILBERMAN, 2004), na medida em que a publicação foi pensada como espaço privilegiado de construção de representações de leitura e de criança leitora no período pesquisado.

Referências

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

GOUVEA, M. C.; PAIXÃO, C. Uma nova família para uma nova escola: a propaganda na produção de sensibilidades em relação à infância (1930-40). In: XAVIER, M. C. (Org.) **Manifesto dos pioneiros da educação**: um legado educacional em debate. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HUNT, P. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KUHLMANN, M. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

LAJOLO, M., ZILBERMAN, R. **Um Brasil para crianças, para conhecer a literatura infantil brasileira**: História, histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.

JOBIM E SILVA, S. Re-significando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância In: KRAMER, S. e LEITE, M. I. **Infância**: fios e desafios da pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1996. (9^a ed. 2007).

MIRA, M. C. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo, Olho D'água/Fapesp, 2001.

PAIS & FILHOS. Rio de Janeiro: Bloch Editores. Fundação Biblioteca Nacional, 1968-1980.

ROGOFF, B. **A natureza cultural do desenvolvimento humano**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2005.

VASCONCELLOS, V. Infância e psicologia - Marcos teóricos da compreensão do desenvolvimento da criança pequena. In: SARMENTO, M.; GOUVÉA, M. C. (Org.). **Estudos da Infância**: Educação e Práticas Sociais. Petrópolis: Vozes, 2008.